

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
6 de novembro de 2020

INTERVISTA / 1987

(*Entrevista*)

um filme de Federico Fellini

Realização: Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini com a colaboração de Gianfranco Angelucci / **Direcção de Fotografia:** Tonino Delli Colli / **Música:** Nicola Piovani, com temas de Nino Rota (**Il Bidone, La Dolce Vita, I Clowns**) / **Montagem:** Nino Baragli / **Cenários e Guarda-Roupa:** Danilo Donati / **Som:** Luciano e Massimo Anzellotti / **Dolby:** Romano Pampaloni, Federico Savina / **Misturas:** Sergio Marcotulli / **Interpretação:** Sergio Rubino (*o jornalista*), Maurizio Mein (*o assistente de realização*), Lara Wendel (*a mulher*), Antonella Ponziani (*a rapariga do eléctrico*), Paola Liguori (*a diva*), Antonio Cantafora (*o marido*), Nadia Ottaviani (*a vestal*) e ainda Anita Ekberg e Marcelo Mastroianni, e a equipa do filme: Maria Teresa Battaglia, Christian Borromeo, Roberta Carlucci, Umberto Conde, Tonino Delli Colli, Lionello Pio Di Savoia, Germana Dominici, Danilo Donati, Federico Fellini, Ettore Geri, Eva Grimaldi, Alessandro Marino, Armando Marra, Mario Miyakawa, Flamette Profili, Francesca Reggiani, Patricia Sacchi, Faustone Signoretti, Antonello Zanini.

Produção: Ibrahim Moussa / **Produtor Executivo:** Pietro Notarianni / **Cópia:** DCP, cor, legendado em inglês e eletronicamente em português, 107 minutos / **Estreia Mundial:** 18 de Maio de 1987, no Festival de Cinema de Cannes / **Estreia em Portugal:** 20 de Outubro de 1988, nos Cinemas Las Vegas 2 e Londres.

"O passado e o presente são a mesma coisa."
Alberto Moravia

Mais um testamento de Fellini, em que mais uma vez o realizador persegue a memória e a condensa em factos cinematográficos. Mais um filme aparentemente igual aos outros, com as desconstruções narrativas, com o cinema dentro do cinema, com uma realidade fantasmática confundida com o sonho, com as mulheres volumosas, com as cores abertas e adocicadas. Surgem em **Intervista** todas as marcas indeléveis do estilo de Fellini, todos os sinais para que se pudesse dizer do filme que repete sem novidade a receita habitual. E no entanto, porque razão **Intervista** parece ser um dos filmes mais comoventes e belos de Fellini? É tão verdadeiro como já o foram outros - **I Clowns, Amarcord, Roma**, quando por verdade se entende a franca exposição de uma experiência íntima - não é mais onírico do que os mais oníricos da sua obra - **Giulietta Degli Spiriti, Casanova, E La Nave Va**, onde a fantasia cénica dá coerência a um universo cinematográfico. Talvez a resposta esteja no facto de Fellini demonstrar em **Intervista** com absoluta clareza que para ele o cinema não é o resultado de uma actividade técnica, mecânica, mas constitui um sistema orgânico. Nos seus filmes não há qualquer geometria ou simetria, são um corpo vivo que respira, que pulsa - que outra coisa podem sugerir as fabulosas gruas iniciais senão monstros pré-históricos, articulados e erectos? -, eles têm formas redondas, cheias de linhas curvas como

qualquer organismo biológico, como se nelas a vida circulasse, líquida, nas artérias dos planos, se renovasse nos pulmões dos *raccords*, como se o esqueleto narrativo fosse a reportagem dos jornalistas televisivos japoneses e se alimentasse de sequências, pratos requintados como a luxuosa sequência do filme indiano. Este amontoado de situações, aparentemente sem direcção narrativa, encontra um destino na sua morfologia global. Como qualquer ser vivo **Intervista** tem uma existência própria, independente do seu criador, segue o caminho que lhe apetece e não tem necessidade de ser explicado, nem pode, mas tem sentido: mostrar que a liberdade criativa é intrínseca à vitalidade do cinema, afirmação essencial nos tempos em que as equipas de filmagem são perseguidas impiedosamente pelos video-índios...

Intervista nasceu por acaso, ou seja, veio de fora das intenções criativas de Fellini quando este se dedicava à preparação de um filme sobre Castañeda, o bruxo da mesalina. O filme surge então como resposta a uma encomenda destinada a comemorar o aniversário da Cinecittá. Ora, na hipótese de uma efeméride, a ironia de Fellini insurge-se contra o tempo, contra a ideia que ele passa verdadeiramente só porque deixa um rasto de vestígios. Mas Fellini insinua conhecer o segredo da eternidade, ou pelo menos o seu simulacro e mostra que o tempo apenas existe dentro do tempo, brandindo o cinema como prova: já não existe a "Casa do Passageiro"? Ou ainda lá está, mas tão adulterada que se tornou irreconhecível? Reconstrua-se então aquele lugar no estúdio, com mais fidelidade que o real, porque é na memória que vive verdadeiramente a realidade. Outra prova é a viagem de eléctrico, percurso fantástico à volta do mundo, ou seja, em torno de Fellini, e se em **Roma** os eléctricos passavam diante de nós, aqui sentados nesta esplanada a comeremos "pasta" com familiares e amigos, agora vamos lá dentro a caminho dessa outra cidade, muito mais eterna conceptualmente, que é a do cinema. Viagem fantasiosa? Olhem que não, ou como nos diz o próprio realizador: "*o que se passou na verdade deve ter sido muito mais emocionante...*" Mas nesta refutação do tempo, o ponto mais alto corresponde ao auge da ternura do filme, do seu riso sem rancor, da sua nostalgia sem tristeza, da sua impiedade sem crueldade: a aparição de Anita Ekberg, porque é de uma aparição que se trata, tal como uma Madonna a quem se deve culto e extase, que vem a nós - ao nosso pobre reino de espectadores - duas vezes: no presente e no passado, ou seja, ao mesmo tempo e reunindo dentro de si - pela magia daquele que foi um jovem apaixonado e hoje é Mandrake - a força dos dois seres que nunca se separaram e que só nós, aqueles que na verdade envelhecemos, julgamos existirem de modo diferente.

Em **Intervista**, Fellini desmente em definitivo que é ingrato, que os seres um pouco grotescos exaustivamente aparecidos ao longo da sua obra nunca foram ridículos mas afectivos, que o *kitsch*, essa ideia da moda cheia de recuperações sobranceiras, nunca foi uma intenção sua, porque a benevolência indulgente é contrária ao reconhecimento amoroso. E a prova cabal deste acto de paixão é a evocação grandiosa das partituras de Nino Rota.

No fim de **Intervista** Fellini comete um pequeno anacronismo e sugere uma verdade, o erro está em dizer que os video-índios atacam ao raiar do dia, quando se sabe que pelo contrário, é ao crepúsculo que ferem com as suas lanças; mas a verdade está no plano final, naquele silêncio obscuro do estúdio onde bate a *claquette*.

José Navarro de Andrade